

SOCIEDADE E LITERATURA NO ROMANCE *ANGÚSTIA* DE GRACILIANO RAMOS¹

Robson dos SANTOS²

RESUMO

O intento do artigo que segue é apontar os elementos históricos contidos no processo de constituição da literatura de Graciliano Ramos. Concentrando a análise sobre o romance *Angústia* (publicado em 1936), buscará destacar o contexto social e cultural em que se deu a produção da obra, juntamente com os elementos que a tornam um instrumento de entendimento da realidade brasileira e o caráter humanista da produção do autor.

Palavras – chave: Literatura; Sociedade; Modernismo; Realidade Brasileira

Os anos transcorridos entre 1930 e 1945 viram surgir no Brasil alguns dos nomes mais significativos do romance brasileiro. Tal período, caracterizado pela denúncia social, teve a forte presença de romancistas preocupados em discutir a realidade brasileira, assim, aparecem no cenário das letras nacionais José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Érico Veríssimo, Jorge Amado e Graciliano Ramos. O último é responsável pela elaboração de uma obra extremamente vinculada à realidade social brasileira. Sua morte data de 50 anos atrás, no dia 20 de março de 1953, e os diversos eventos e publicações, ocorridos este ano, que lembraram o falecimento do autor alagoano atestam a fortuna crítica deixado por um dos maiores autores nacionais.

Em Graciliano Ramos(2000a) os acontecimentos sociais que formam o cenário histórico da época são de suma importância para o entendimento de sua obra. As angústias particulares de seus personagens compreendem as vicissitudes de um povo. O objetivo é, mediante a elaboração de um estilo particular, erigir uma ácida crítica social.

¹ Este artigo é parte da pesquisa *Conflitos e Contradições: análise da realidade histórica brasileira através do romance Angústia de Graciliano Ramos*. Projeto financiado pela FAPESP e desenvolvido como monografia de conclusão de curso.

² Aluno do 4º ano de Ciências Sociais. Orientadora Prof^a. Dr^a. Fátima Aparecida Cabral. Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil.

As transformações operadas na sociedade brasileira no decorrer das décadas de vinte e trinta do século XX são caracterizadas por um profundo caráter de contestação cultural e de renovação político-sociais, representados na Semana de Arte Moderna e na Revolução de 1930.

A Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, elabora as bases para o surgimento de uma nova concepção artística, alicerçada numa vanguarda modernista. O modernismo rompe com o tradicional na arte e exige desta uma posição menos cômoda frente aos problemas nacionais que se apresentavam na estrutura da realidade brasileira.

O movimento revolucionário de 1930 apresenta-se como um rompimento de uma política que se estendeu durante toda a chamada Primeira República (1889 – 1930), configurando-se como uma alternância de poder sustentada pelos grandes produtores de café de Minas Gerais e São Paulo.

Atendendo as necessidades do crescente capitalismo brasileiro,

A revolução de 1930 põe fim à hegemonia da burguesia do café, desenlace inscrito na própria forma de inserção do Brasil, no sistema capitalista internacional. Sem ser um produto mecânico da dependência externa, o episódio revolucionário expressa a necessidade de reajustar a estrutura do país, cujo funcionamento, voltado essencialmente para um único gênero de exportação, se torna cada vez mais precário”.(FAUSTO, 1997, p. 149).

Ao mesmo tempo em que o país sentia os reflexos econômicos da queda da bolsa de Nova York, em 1929, a revolução de 1930 preenchia o cenário político nacional com a condução de Getúlio Vargas ao poder.

Os pressupostos artísticos surgidos em 1922 germinam e, a partir de 1930 até 1945, o movimento modernista vive uma segunda fase, que se desenvolve refletindo as transformações porque passou o país, que inaugura uma outra etapa de sua vida republicana, levando os artistas nacionais a se posicionarem diante dessa nova realidade. Tal ambiente confluía em uma

[...] surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período” (CANDIDO, 1989, p. 182).

Na literatura, os reflexos de tal movimento são responsáveis por uma série de implicações, tanto estéticas quanto em termos de função social que as obras literárias deveriam possuir em relação à sociedade. Para Bosi (1984, p. 384) “a literatura escrita sob o signo do modernismo, representou uma crítica às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira”.

A obra de Graciliano Ramos (1892-1953), em particular, revela esse esforço ao demonstrar como as estruturas do contexto social específico do Brasil já haviam esgotado as potencialidades da economia pré-capitalista, mas sem conseguir promover qualquer renovação mais significativa, fosse na economia, fosse nas relações sociais. E o nordeste apenas pintava, com cores mais fortes, a crise colonial por que passava todo o país (COUTINHO, 2000).

Isso não significa, entretanto, que Graciliano Ramos tenha se rendido a um regionalismo puramente particularista. Ainda que tratando de temas e de personagens regionais, sua obra possui caráter universalista singular, na medida em que apenas se alimenta da temporalidade social e regional; a vida e o destino de seus personagens confundem-se com a maioria das vidas e destinos dos demais seres. Conseqüentemente, sua obra adquire um papel de intérprete da humanidade, uma função social inerente à própria natureza da obra e de sua inserção num universo de valores culturais.

Graciliano Ramos constitui-se figura peculiar na literatura brasileira da década de 30, ao substituir o *naturalismo* estreito e descritivo, próprio da época, por um realismo histórico, concreto e universalista. Em sua obra ficção e realidade se confundem num intenso processo de busca da compreensão da realidade desesperadora que é a condição humana: indivíduos inconformados que lutam para superar as barreiras e a mediocridade da solitária vida rural ou urbana. Visualizando as peculiaridades do Brasil,

A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da sociedade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações [...] o destino de seus personagens, seu modo de agir e reagir em face das situações concretas, em que se encontram inseridos, são manifestações típicas de toda realidade brasileira (COUTINHO, 2000, p. 159).

De acordo com Bosi (1979), com Graciliano Ramos se dá o ponto mais alto da tensão entre o *eu* escritor e a sociedade que o formou. Isto é, o meio social e cultural em que se deu a formação do autor e a elaboração de suas obras – um meio fracionado pela luta individualista e pela busca do lucro e da riqueza pessoal – aparece como elemento decisivo na constituição de sua literatura.

Escrevendo sob o signo do conflito, Graciliano não compôs um ciclo, um todo fechado sobre um ou outro pólo da existência (Eu/mundo), mas uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma “de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema” (PUCCINELLI, 1975). Resultante da confluência entre uma linguagem enxuta, de estética dura, e de uma angústia frente aos problemas sociais da realidade “nacional”, a riqueza integral da obra de Graciliano Ramos só pode ser entrevista na medida em que verificamos a sua íntima relação com o panorama social da época (MOURÃO, 1979).

Sendo o nordeste a região onde mais cruamente se explicitava as contradições de uma “sociedade semicolonial em crise”, não é assim um fato do acaso que tenha sido o romance nordestino da década de 30 o movimento literário mais profundamente realista da história de nossa literatura (COUTINHO, 2000). É desse cenário, então, que Graciliano Ramos extrai os elementos necessários para a construção de seus textos.

Não obstante, é necessário destacar que a obra de Graciliano Ramos não é cíclica e nem seriada. Os romances que a formam - *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas* - não seguem uma pré-determinada ordem, nem obedecem a uma sucessão lógica, ainda que:

Uma determinada produção literária, mesmo compreendida por obras independentes entre si, guarda evidentemente uma certa unidade ou identidade que lhe são dadas pelo estilo e pelo pensamento peculiar de seu autor. Porém, tais características estilísticas ou de personalidade não bastam para imprimir a obra o caráter de ciclo ou de série (PUCCINELLI, 1975, p. 3).

Diferentemente das obras memorialísticas, excetuando *Memórias do Cárcere*, é através dos romances que GR se propõe a pintar a sociedade brasileira, a partir da fusão do social e do psicológico, criando, assim, uma profunda análise das relações sociais. Entretanto, como a paisagem árida e impiedosa do sertão nordestino, a narrativa de Graciliano se vale apenas do essencial. Para ele, o mundo não libera encantos, as paisagens

são apenas pontos de referência entre os quais os personagens se movem (ANSELMO, 1943).

Nos quatro primeiros romances do autor a fatalidade dá o tom à narrativa, seja descrevendo a vida árida de uma família de retirantes nordestinos e analisando o meio físico e social em que estão dispostos seus personagens, como em *Vidas Secas*, seja acompanhando a ascensão material e a decadência sentimental de um homem rude e egoísta como Paulo Honório, em *São Bernardo*, ou mesmo percorrendo os labirintos da alma humana em *Angústia*. Cria-se, dessa forma, uma obra marcadamente pessimista e de linguagem enxuta.

São Bernardo (RAMOS, 2000b) tem a força de uma tragédia rural brasileira, ao dar vida às aspirações materiais de um ambicioso e mesquinho proprietário de terras. Paulo Honório encarna uma classe de remanescentes de uma sociedade patriarcal que acompanha a decadência de práticas perdidas no passado, dissolvidas que foram pela modernização capitalista.

Mas é *Angústia*, escrita entre 1934 e 1936, que representa a obra explosiva na literatura de Graciliano Ramos. Rompendo o caráter enxuto na linguagem, que se apresentava parcialmente em *Caetés* e completamente em *São Bernardo*, o texto é permeado pelo clima gorduroso de uma narrativa que parece querer transformar as letras que banham os olhos do leitor em ácido. Do romance *Angústia* se depreende mais a história de uma angústia do que a angústia em si mesma.

Decorrente da necessidade de expressar um conteúdo novo, de concretizar artisticamente o enfoque sobre a nova realidade brasileira que se apresentava após as transformações de 20 e 30, *Angústia* se expressa por uma acentuação dramática, das paredes do ‘pequeno mundo’, do cárcere da solidão e da impotência em que está encerrado o homem brasileiro (COUTINHO, 2000).

Angústia narra a história de Luis da Silva, um funcionário público e escritor frustrado. Dotado de imensa capacidade de auto-análise, o personagem contempla seus atos passados com clarividência nauseante, irrompendo cada frase de forma sufocante. Insatisfeito simplesmente com tudo, Luis da Silva espreme sua existência e a dos demais personagens extraindo disso apenas conclusões desencantadas e amargas. Retomando fatos passados, uma infância pouco afetiva, frustrações profissionais e sexuais, o personagem apresenta seus sentimentos como resultantes de uma miséria física e moral que sempre o acompanhou.

Após tentar, fracassadamente, a sorte no Rio de Janeiro, o personagem estabelece-se em Maceió. Ali mantém existência pacata, profundamente insignificante. Porém, ao iniciar um romance com Marina, sua vizinha, o protagonista irradia pequenos vestígios de satisfação; o casamento é marcado e as parcas economias de Luis da Silva são despendidas na aquisição de um enxoval para o casal. Mas os planos conjugais começam a dissolver-se com o surgimento de Julião Tavares, homem rico, com pretensões literárias, que acaba seduzindo a ambiciosa e vulgar Marina; após possuí-la passa a enveredar-se em outras aventuras fugazes. Ao descobrir a traição da noiva com “um sujeito gordo, vermelho, suado, bem-falante, de olhos abotoados”, Luis da Silva desespera-se e passa a viver um intenso clima de pesadelo. O ciúme se aprofunda com o desenrolar de seu pensamento. Concluindo que foi deixado de lado, o sentimento de ausência de perspectiva aprofunda-se e a conclusão é a impossibilidade de saída para qualquer lugar.

O pano de fundo desse romance é a sociedade burguesa, onde triunfam os espertos e os medíocres, e por isso cheia de desigualdades humanas, imoralidades, injustiças. Luis da Silva considera essa sociedade a responsável pela falta de maiores perspectivas na sua existência apagada. Na ânsia de libertar-se das barreiras asfixiantes, ele é dominado pela idéia fixa da vingança e mata o rival, o inimigo tangível, símbolo de tudo que ele odeia.

Romance de características urbanas, *Angústia* centraliza-se sobre as contradições que o capitalismo traz à vida nas cidades, dos problemas específicos de nossa classe média urbana.

Situando os problemas num nível mais avançado do desenvolvimento capitalista – embora para isso não seja necessário um avanço no tempo, mas apenas um deslocamento no espaço sócio-geográfico -, este romance já nos mostra a impossibilidade da própria ascensão social individual, que ainda fora possível no caso de Paulo Honório (COUTINHO, 2000, p. 185).

A complexidade de *Angústia* ganha tons mais profundos ao intentarmos compreender o personagem central. Porém, estabelecer qualquer definição acerca desse anti-herói de Graciliano é pretensão árdua. *Angústia* é a fissura no tempo e na alma e Luis da Silva é um ser fissurado.

Em ensaio intitulado “*Visão de Graciliano Ramos*”, o crítico Carpeaux (2000) afirma que o universo de *Angústia* é “um mundo fechado em si mesmo”. E os pensamentos de Luis da Silva fazem surgir uma questão: que mundo é este? “Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois um esquecimento quase completo”, confessa Luis da Silva (p.106). E completa na página seguinte: “As minhas ações surgem baralhadas e esmorecidas, como se fossem de outra pessoa. Certos atos aparecem inexplicáveis. Até as feições das pessoas e os lugares por onde transitei perdem a nitidez”.

Entrementes, o mundo umedecido e sufocante de *Angústia* é o mundo onde G.R. elabora o enredo de seus romances. O negativismo de *Angústia* é a confluência de uma profunda análise psicológica da realidade social que o envolve, bem como de sua individualidade fragmentada. Contudo, seus atos não se realizam mecanicamente, antes, reflete a conturbação da alma humana, a impossibilidade de estabelecer-se concretamente a personalidade dos indivíduos.

Em Luis da Silva e não há ambição tal qual caracterizava Paulo Honório e sua sede de propriedade em *São Bernardo*, o romance anterior. Luis da Silva, ao contrário, não tem propósitos, não tem vontade, não tem nenhum sentimento forte.

Álvaro Lins, em ensaio sobre a obra de G.R., termina postulando que diante de seus romances estamos ante a filosofia do nada – a da absoluta negação e destruição – que o Senhor G.R. cultivava para os seus personagens. A ascensão do Paulo Honório ou a decadência de Luis da Silva representam caminhos diferentes para o mesmo niilismo. Os demais personagens não se afastam desse fim melancólico (LINS, 2001).

Outro fato relevado pelo mesmo crítico acerca da obra de G.R. é o seu caráter de relatividade a cerca das conclusões morais. Tal relatividade, talvez seja o fruto da profundidade analítica de GR, de uma análise que entende o homem sob o prisma materialista. Graciliano é um romancista da alma humana, com uma concepção materialista dos homens e da vida. E o materialismo dos personagens é que os leva logicamente ao relativismo moral. Nem praticam a bondade, nem acreditam na existência dela (LINS, 2001).

Por trás de todos os gestos se esconde um interesse egoísta, que visa apenas uma secreta intenção. “Fam levando o cadáver de Camilo Pereira da Silva. Corri para a sala chorando. Na verdade, chorava por causa da xícara de café de Rosenda, mas consegui

enganar-me e evitei remorsos”.(LINS, 2001, p. 19) diz Luis da Silva ao lembrar-se da morte de seu pai.

A interpretação completa de Angústia é intenção que não pode superar o limite da incompletude. Obra de caráter profundamente psicológica e pessimista serve como exposição de uma hiper sensibilidade criativa, a de Graciliano. Como nos lembra Candido(1992, p. 80) em seu ensaio “*Os bichos do subterrâneo*”, tecnicamente, *Angústia* é o livro mais complexo de G.R. Senhor dos recursos de descrição, diálogo e análise, emprega-os aqui num plano que transcende completamente o naturalismo, pois o mundo e as pessoas são uma espécie de realidade fantasmal, colorida pela disposição mórbida do narrador

Fica evidente a riqueza crítica da literatura feita no período compreendido pelo modernismo e pelas modificações realizadas após a revolução de 30. Disto resulta uma busca de inserção dos problemas particulares da realidade brasileira no campo da arte. Nesse sentido, GR consegue criar uma obra que analisa a estrutura social brasileira, utilizando-se, às vezes, de métodos de psicologia literária - como em *Angústia* -, rompendo o subjetivismo puro. O social dá a tônica de suas palavras. Ele consegue tornar universal, situações aparentemente particulares de um Brasil e uma sociedade povoada por tantos “Fabianos”, “Paulos Honórios”, “baleias”, “Luis da Silva”, etc., sem prender -se a dogmas estilísticos.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, Manuel. Graciliano Ramos e a angustia. In: *FAMÍLIA literária luso brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1943. p. 220 – 223.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

CÂNDIDO Antônio. Os bichos do subterrâneo. In: *FICÇÃO e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: 34. ed., 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. *Visão de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: Dp & a, 2000.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 30*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LINS, Álvaro. *Valores e misérias das Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MOURÃO, Rui. *Estruturas*: ensaio sobre o romance de Graciliano. Belo Horizonte: Tendência, 1969.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Quirrom, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2000a.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2000b.

ARTIGO RECEBIDO EM 2003.